

Considerado um dos grandes destaques do streaming brasileiro em 2025, Kelner Macêdo relembra desafios percorridos e vencidos em *Guerreiros do Sol* e *Tremembé*

POR PATRICK SELVATTI

Entre o mito e o abismo, 2025 se impôs como um ano de travessia para Kelner Macêdo. Em poucos meses, o ator paraibano conduziu o público por territórios radicalmente distintos: do cangaiceiro Zé do Bode, galã rude e afetivo de *Guerreiros do Sol*, do Globoplay, a Cristian Cravinhos, figura central de um dos crimes mais impactantes da história recente do país, na série *Tremembé*, na Prime Video. Não se trata apenas de uma mudança de figurino ou de época, mas de um deslocamento profundo de imaginário, ética e corpo. “São dois personagens muito importantes na minha carreira”, afirma à Revista. “Construções complexas, que eu trabalhei no risco”, avalia.

O risco, aliás, parece ser o eixo invisível que sustenta sua trajetória. Entre o fim de *Guerreiros do Sol*, em dezembro de 2023, e o início da preparação para *Tremembé*, em meados de 2024, houve um intervalo fundamental para que Kelner pudesse se despedir do sertão mítico e violento do cangaço e, pouco a pouco, adentrar o território urbano, frio e documental de uma história real que ainda reverbera na memória coletiva. “Tive esse tempo para me despendar do imaginário do Zé do Bode e começar a entrar no universo do Cristian”, explica.

A transição exigiu uma reconfiguração total, começando pela voz. Para um ator cuja musicalidade carrega o Nordeste como marca identitária, encontrar o sotaque paulistano sem cair na caricatura foi um trabalho minucioso e obsessivo. “A dificuldade era encontrar dentro do meu registro vocal um timbre, um tempo de fala, os acentos, sem me prender a uma forma xerocada dele”, conta. O processo envolveu treinos semanais com fonoaudióloga, escutas repetidas de entrevistas, podcasts e uma incorporação gradual desse novo som ao corpo em transformação.

Mas talvez o mergulho mais delicado tenha sido o ético. Interpretar uma pessoa real, responsável por um crime brutal como o assassino do casal von Richthofen, exigiu de Kelner um pacto íntimo de suspensão do julgamento. “Eu precisava me abster das minhas sensações para entrar em contato com a pessoa por trás do crime”, afirma. Humanizar sem absolver, compreender sem justificar: uma linha tênue e dolorosa. “Foi muito duro encarar essa história de peito aberto, assimilar que pessoas são capazes de cometer atos terríveis. Mas era o que eu tinha nas mãos”, argumenta.

Existências masculinas complexas

